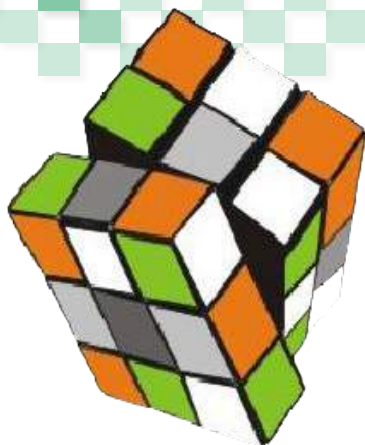


ANAIS DO

1º Seminário



ciência
BITS

**Os desafios da relação
do audiovisual com
a produção científica**

**Mostra LIA/Prala
de Cinema & Ciência**

Denise Tavares da Silva & Renata Rezende Ribeiro
(Organizadoras)

Anais do 1º Seminário BITS Ciência

**Os desafios da relação
do audiovisual com a produção
científica**

**Mostra LIA/Prala
de Cinema & Ciência**

1ª Edição
Rio de Janeiro
Ciências e Cognição
2014

Anais do 1º Seminário BITS Ciência

26, 27 e 28 de março de 2014

Organização

Denise Tavares da Silva

Renata Rezende Ribeiro

1º Seminário Nacional BITS Ciência (1.: 2014, Niterói, RJ).

Anais do 1º Seminário Nacional BITS Ciência: *os desafios da relação audiovisual com a produção científica e Mostra LIA/PRALA de Cinema e Ciência*; Universidade Federal Fluminense; 26 a 28 de março de 2014; Organizadoras: Denise Tavares e Renata Rezende - Niterói: Ciências e Cognição, 2014.

ISBN: 978-85-66768-06-0 Online

Evento realizado pelo Núcleo de Estudos e Experimentações do Audiovisual e Multimídia (MULTIS) do Instituto de Arte e Comunicação Social da UFF, Niterói, RJ.

1. Divulgação Científica 2. Comunicação 3. Educação 4. Audiovisual 5. Popularização da ciência

Agência Brasileira do ISBN

ISBN 978-85-66768-06-0



9 788566 768060

Rio de Janeiro
Ciências e Cognição
2014

Universidade Federal Fluminense
UFF

Reitor

Prof. Dr. Roberto de Souza Salles

Pró-reitor de Extensão

Prof. Dr. Wainer da Silveira e Silva

Diretor do Instituto de Arte e Comunicação Social

Prof. Dr. Leonardo Guelman

Coordenadoras do Núcleo de Estudos e Experimentações do Audiovisual e Multimídia - MULTIS

Profa. Dra. Denise Tavares da Silva

Profa. Dra. Renata Rezende Ribeiro

Coordenadoras do Seminário

Profa. Dra. Denise Tavares da Silva

Profa. Dra. Renata Rezende Ribeiro

Comitê Científico

Prof. Dr. Alexandre Farbiarz (UFF)

Prof. Dr. Antônio Carlos Amâncio (UFF)

Profa. Dra. Denise da Costa Oliveira Siqueira (UERJ)

Profa. Dra. Eliany Salvatierra (UFF)

Prof. Dr. Francisco Belda (UNESP)

Prof. Dr. Guilherme Nery Aten (UFF)

Profa. Dra. India Mara Martins (UFF)

Prof. Dr. Marcelo Giordan Santos (USP)

Prof. Dr. Marcos André Feldman Schneider (Ibict-UFRJ/UFF).

Profa. Dra. Simone Bortoliero (UFBA)

Equipe Técnica

José Luiz Sanz

Rodrigo Moraes

Alunos

André Borba

Fernanda Costantino

Isabella Oliveira

Lucas Farizel

Thamiris Alves

Apoio



Universidade Federal Fluminense



Índice Geral

Apresentação	7
Programação	8
Resumo das palestras.....	12
Resumos expandidos	19
Apresentação de pôsteres	45

APRESENTAÇÃO

O 1º Seminário BITS Ciência: os desafios da relação do audiovisual com a produção científica dá continuidade a uma estratégia de inserção na vida acadêmica que tem se revelado bastante produtiva quanto à troca de conhecimentos, aprofundamento de pesquisas e articulação entre projetos afins. Este trabalho foi iniciado há pouco mais de um ano, com a criação da revista eletrônica **BITS Ciência**, projeto de extensão realizado em parceria com a Unitevê e que visa a popularização da ciência, entre outros objetivos.

A **BITS Ciência** é realizada na perspectiva da consolidação do tripé Ensino-Pesquisa-Extensão. Por isto, é fundamental a articulação do projeto com as pesquisas desenvolvidas no **MULTIS - Núcleo de Estudos e Experimentações do Audiovisual e Multimídia**, que agrega pesquisadores e alunos de Mestrado e Iniciação Científica, e que tem como uma de suas linhas de pesquisa o “**Audiovisual e Divulgação Científica**”.

Assim, o formato deste 1º Seminário é resultante de uma trajetória consolidada que colocou, entre outras questões, a necessidade de se alargar o contato com pesquisadores que desenvolvessem estudos que se relacionam direta ou indiretamente com o tema central do evento.

Denise Tavares e Renata Rezende

Coordenadoras

PROGRAMAÇÃO

Quarta-feira, dia 26/03/2014

MANHÃ

8h30 - 9h30. Inscrição (pré-inscrição online e confirmação no evento)

9h30. Abertura: Solenidade com autoridades

10h. Apresentação do Projeto BITS Ciência

Apresentadores: *Equipe BITS Ciência*

10h30. Conferência de Abertura: **A percepção da ciência na escola brasileira**

Conferencista: *Marcelo Giordan* (Faculdade de Educação da USP)

11h30 - 12h30. Debate

12h30 - 14h00. Almoço

TARDE

14h - 16h. Painel 1: **Ciência e Audiovisual: entre o conhecimento e o entretenimento?**

Palestrantes: *Francisco Belda* (UNESP); *Denise da Costa Siqueira* (UERJ); *Simone Bortoliero* (UFBA);

Mediador: *Marco Schneider* (Ibict - UFRJ / UFF)

Intervalo: 16h às 16h15

16h15 - 18h15. Mini-Curso 1: **“Media training” para projetos de ciência**

Professor: *Francisco Belda* (UNESP)

Descrição: O objetivo é partilhar os caminhos da divulgação de projetos desenvolvidos em escolas de ensino médio e em universidades a partir das perspectivas do jornalismo científico e da divulgação da ciência nos meios de comunicação

MOSTRA LIA/PRALA de Cinema & Ciência:
"Vento Norte" - 16h30

Abertura: *Fabián Núñez* (UFF)

Cine-Painel 1: *Malu Martino* (cineasta), *Iulik Lomba de Farias* (UFF)

Mediação: *Eliany Salvatierra* (UFF)

Filmes: Kaiowá Reko' Ete - Modo de viver Kaiowá; Ongosu Porahei Ha Kotyhu - Cantando e Dançando na Casa de Reza; Avati Moroti ha Mborachei - O Canto-Reza do Milho Branco; e Margaret Mee e a Flor da Lua

Quinta-feira, dia 27/03/2014

MANHÃ

9h30 - 11h30. Painel 2: **Ciência na Televisão e na WEB**

Convidados: *Márcia Correa e Castro* (Canal Saúde - Fiocruz), *Sérgio Moraes Castanheira Brandão* (Ver Ciência); *Gláucio Aranha* (UFRJ)

Mediador: *Alexandre Farbiarz* (UFF)

11h30 - 12h30. Debate

12h30 - 14h. Almoço

TARDE

14h - 16h. Painel 3: **Produções audiovisuais de ciência na sala de aula**

Convidados: *Luiz Antonio Botelho de Andrade* (Sub-secretaria da Ciência e Tecnologia); *Alessandra Pinto de Carvalho* (UFRRJ) e *Alex Côrtes* (Colégio Pedro II)

Mediadora: *Renata Rezende* (UFF)

Intervalo: 16h às 16h15

16h15 - 18h15. Mini-Curso 2: **Produção de vídeos científicos para os professores da rede escolar e jornalistas com o uso de celulares**

Professora: *Simone Bortoliero* (UFBA)

Descrição: O objetivo é apresentar as possibilidades técnicas e as especificidades da linguagem na produção de vídeos científicos com o uso de celulares. O mini-curso

é destinado, preferencialmente, aos professores do ensino médio e fundamental e estudantes de Jornalismo.

MOSTRA LIA/PRALA de Cinema & Ciência:
"Vento Norte" - 16h30

Cine-Painel 2: *Marcus Leopoldino* (Psicólogo, Musicoterapeuta e Documentarista) e *Davi Kolb* (Segunda-feira Filmes).

Mediação: *Hadija Chalupe*

Filmes: Festival do Minuto (vários) e EhciMAKÎ-KirwaÑhe - Um debate na saúde indígena

Sexta-feira, dia 28/03/2014

MANHÃ

9h30 - 12h30.

GT 1: Ora direis, ouvir cientistas...: o audiovisual e os desafios contemporâneos do jornalismo e da divulgação científica

Coordenadora: *Denise Tavares* (UFF)

Ementa: O GT recebe trabalhos que visam discutir o jornalismo científico realizado a partir de narrativas audiovisuais nos mais diversos formatos (telejornalismo, documentário, revista eletrônica, etc.), bem como os desafios dessas produções, tanto temáticas quanto de linguagens.

Canal Saúde: Uma outra face do SUS na mídia? - Iane Filgueiras

Educação em saúde através de material educativo audiovisual para as doenças granulomatosas infecciosas das vias aéreo-digestivas superiores - Tiago Rosa Pereira (Fernanda dos Santos da Silva; Dinair Leal da Hora Orientadora; Cláudia Maria Valete Rosalino)

Sorria, você está no museu! Os museus de ciências e seus registros midiáticos - Willian Ramalho Dantas

Convergência de meios: Influências da internet na televisão - Gustavo Côrtes Guimarães

O documentário científico: linguagens e temáticas no contexto da produção multi-plataforma - Denise Tavares

GT 2: A divulgação científica e as plataformas multimídias

Coordenadora: **Renata Rezende** (UFF)

Ementa: O GT recebe trabalhos que visam discutir as produções com temáticas científicas em plataformas multimídias (sites, blogs, redes sociais, etc.), bem como problematizar os recortes e linguagens desses conteúdos.

Física em Tablets – Leonardo Moura

Física em Cena – Vítor de Oliveira Moraes Lara

Comunicação em rede na contramão do SUS: uma análise da experiência da Vídeo-Saúde no Facebook - Daniela Muzi

A diáspora na rede: redes sociais e a construção identitária de migrantes haitianos no Brasil - Patrícia Pimenta Fernandes

Diagnóstico diferencial das doenças infecciosas granulomatosas das vias aéreas digestivas superiores: Elaboração e avaliação de um curso e-learning - Fernanda dos Santos da Silva; (Tiago Rosa Pereira Dinair Leal da Hora; Cláudia Maria Valete Rosalino)

Ciência e Fotografia: uma visão interdisciplinar entre Física e Química - Karla Silene Oliveira Marinho Sathler e Marcelo Monteiro Marques

12h30 - 14h. Almoço

TARDE

14h - 15h. Apresentação de Pôsteres

Intervalo: 15h às 15h15

MOSTRA LIA/PRALA de Cinema & Ciência:
“Vento Norte” - 15h15

Painel 4/Cine-Painel 3: As expedições e a popularização da ciência

Palestrantes: **Regina Jehá** (Documentarista); **Índia Mara Martins** (UFF); **Bruno Fernandes** (UFF)

Convidadas: **Nara F. Dip** e **Manu Libman**

Mediador: **Antônio Carlos Amâncio** (UFF)

Filmes: Curta Oriximiná e Expedição “Viva Marajó”

18h. Encerramento

Índice de Resumo das Palestras

Dia 26/03	13
Dia 27/03	15
Dia 28/03	18

Conferência de Abertura - 10h30

Marcelo Giordan (USP) - A percepção da ciência na escola brasileira: o que dizem professores e alunos

Resumo: A divulgação científica é parte de um complexo e extenso processo de formação de opiniões, percepções e concepções sobre ciência que tem recebido cada vez mais atenção nas escolas, notadamente por professores dispostos a levar formas alternativas de representação do conhecimento aos alunos. Amparados nos resultados de dois estudos envolvendo a aplicação de enquetes sobre percepção de ciência e tecnologia, discutiremos as funções, limites e possibilidades da DC na escola em um cenário de democratização do acesso aos meios digitais de produção e consumo da informação.

Mini-currículo: Professor da Faculdade de Educação da USP. Especialista em Divulgação científica. Coordenador do LAPEQ - Laboratório de Pesquisa em Ensino de Química e Tecnologias Educativas Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo.

Painel 1 - 14h

Francisco Belda (UNESP) - Qualidade e efetividade da divulgação científica: uma dicotomia hipotética

Resumo: A apresentação questiona a suposta dicotomia entre valores de qualidade científica e de efetividade comunicacional nos processos de produção e de recepção de conteúdos audiovisuais de divulgação científica. Essa hipótese supõe a existência de uma relação de proporcionalidade inversa entre esses valores. Assim, pretende-se problematizar os conceitos e preconceitos embutidos nessa hipótese e também apresentar diretrizes metodológicas que podem ser empregadas para testar, empiricamente, sua validade e seus limites em relação a diferentes contextos de mediação.

Mini-currículo: Professor do Departamento de Comunicação Social da Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação (Faac) da Universidade Estadual Paulista (Unesp); coordenador do Curso de Jornalismo e docente do Programa de Pós-Graduação em Televisão Digital na Unesp; foi coordenador editorial da Agência Multimídia de Educação e Comunicação Científica do Instituto de Estudos Avançados da USP em São Carlos e atuou como repórter, editor, gerente e diretor de empresas de comunicação no interior paulista.

Denise Siqueira (UERJ) - Mídia, educação e entretenimento: a produção de sentidos na divulgação científica

Resumo: Espaço simbólico rico em mediações, os meios de comunicação – especialmente os de apelo visual, do cinema ao celular conectado à Internet - e suas produções não devem ser tomados como puro entretenimento. Promovem imaginários, produzem e reproduzem sentidos, reforçam formas de pensar. Com base nos conceitos de representação e de mediação, discutiremos como são apresentados e tratados o conhecimento, a ciência e a escola em programas voltados para o público infantil assim como em vídeos postados na plataformas de compartilhamento Youtube, na web.

Mini-currículo: Professora Associada da UERJ, Coordenadora Adjunta do Programa de Pós-Graduação em Comunicação. É autora dos livros “Corpo, comunicação e cultura: a dança contemporânea em cena”; “Ciência na televisão: mito, ritual e espetáculo”; “Comunicação e ciência: estudos de representações e outros pensamentos sobre mídia”.

Simone Bortoliero (UFBA) - Educomunicação para as Ciências: um relato das experiências na produção de vídeos científicos com a juventude baiana

Resumo: O vídeo tem sido utilizado atualmente como o meio mais acessado em canais como o Youtube. Experiências alternativas na produção de vídeos científicos vem sendo realizados com e para a juventude em diferentes regiões do Brasil. Na Bahia estamos implementando métodos como a Educomunicação para a Ciência junto aos jovens das escolas públicas e refletindo sobre como os jovens percebem temas de ciência, tecnologia, saúde e meio ambiente.

Mini-currículo: Professora da Faculdade de Comunicação e da Pós-Graduação em Cultura e Sociedade, ambas da Univ. Federal da Bahia. Tem experiência na área de Comunicação, com ênfase em Jornalismo Científico e Ambiental, Telejornalismo e Produção de Vídeos Científicos. Coordena o grupo de pesquisa Ciência e Cultura e Jornalismo Científico e Ambiental. Coordena, ainda, a Agência de Notícias em C& TI, a WEB TV Ciência e Cultura. É Pós-Doutora pelo LabJor, da Unicamp.

Painel 2 - 9h30

Sérgio Moraes Brandão (VerCiência) - VerCiência: 20 Anos Promovendo Ciência na TV e na Web

Resumo: A convergência das mídias se tornou uma realidade na comunicação e os programas de ciência na TV hoje se multiplicam pela internet e podem ser assistidos 24 horas por dia, em qualquer lugar e até em telefones celulares (smartphones), algo inimaginável vinte anos atrás. O Projeto VerCiência continua cumprindo seu papel de incentivar e promover a comunicação de ciência e a disseminação da cultura científica pelos meios eletrônicos audiovisuais. A proposta é fazer um balanço desses 20 anos, que inclui a participação do palestrante na criação do programa Globo Ciência (Rede Globo) e mostrar alguns exemplos dessa trajetória.

Mini-Currículo: Formado em Engenharia Civil é pós-graduado em Controle de Poluição na Inglaterra (1976). Viveu em Londres (1974 a 1981) onde trabalhou na BBC (British Broadcasting Corporation). De volta ao Brasil (1981), foi contratado pela TV Globo como repórter dos programas Globo Repórter e Fantástico. Em 1984, participou da criação do Globo Ciência, no qual foi repórter e diretor até 1991. É fundador e diretor geral da produtora de vídeos e programas de TV, VideoCiência (criada em 1987) e curador internacional da Mostra VerCiência (criada em 1994). Ganhou os Prêmio José Reis do CNPq (1986) e o Prêmio Primo Rovis (1991) da Fundação Internacional Trieste para o Progresso e a Liberdade da Ciência.

Gláucio Aranha (UFRJ) - Webcomics e Neurociências: a escrita de roteiros para quadinhos na web como estratégia de divulgação científica

Resumo: As webcomics (histórias em quadrinhos para web) têm se tornado uma mídia cada vez mais consumida na internet, especialmente entre o público jovem e jovem-adulto. Representa, todavia, um canal ainda pouco explorado pela divulgação científica. Nesta comunicação, é apresentada uma proposta de trabalho de roteirização para webcomics como estratégia de divulgação de neurociências em sala de aula, destacando-se ainda o potencial da atividade em relação à divulgação científica em outros campos.

Mini-currículo: É professor na pós-graduação da Escola de Administração Judiciária (ESAJ) e professor substituto no Departamento de Estudos de Mídia (UFF). Atua como pesquisador associado de “Ciências e Cognição - Núcleo de Divulgação Científica e Ensino de Neurociências”, da UFRJ (CeC-NuDCEN/UFRJ) no qual coordena a linha de pesquisa “Novas Mídias, Narratividade e Ensino”, com foco em narratividade em ambientes digitais aplicadas ao ensino e divulgação científica.

Luiz Antonio Botelho Andrade (Sub-secretaria da Ciência e Tecnologia) - A arte Cinematográfica e o Ensino de Ciência: Relato de uma experiência

Resumo: Considerando a lacuna existente na produção de filmes educativos de cunho científico no Brasil, decidimos nos aventurar na produção deste gênero para utilizá-los como material didático no ensino de ciências. Para tanto, trabalhamos com atores amadores - estudantes e docentes - enfatizando em nossos roteiros as etapas da investigação científica: pergunta, hipótese, desenvolvimento e conclusão ou desfecho. O mais fundamental deste processo, no entanto, não é o produto (os filmes) mas a mudança que se espera na relação entre os estudantes para com o objeto do conhecimento, de uma passividade imobilizada e imobilizadora, para uma interatividade criativa e apropriação intelectual do objeto de estudo. Acreditamos que este produto novo e o processo de sua produção é, em si mesma, uma genuína construção do conhecimento no universo escolar.

Mini-curriculo: Atual sub-secretário de Ciência e Tecnologia de Niterói, possui graduação em Ciência Biológicas, mestrado em Bioquímica e Imunologia e Doutorado em Immunobiologie (pela Université de Paris VI). É professora associado II da UFF. Tem experiência nas áreas de Imunologia, Educação e Epistemologia, atuando principalmente nos seguintes temas: Imunologia, Ensino de Ciências, Biologia do Conhecimento e Extensão Universitária.

Alessandra de Carvalho (UFRRJ) - Experiências de produção de vídeos sobre saúde e meio ambiente em comunidades ribeirinhas

Resumo: Comunidades no interior da Amazônia têm usado a tecnologia para produzir vídeos como forma de aprendizado e como meio de informação para o mundo. Para avaliar a apropriação da tecnologia e a linguagem para a divulgação de informações específicas por jovens dessas áreas, analiso resultados da experiência do programa de oficinas dirigido pelo Projeto Saúde e Alegria em vilas de ribeirinhos no Pará. Nas experimentações audiovisuais, jovens e adultos amazônidas aprendem a usar celulares e programas de edição para construir pequenos vídeos sobre cultura, saúde e meio ambiente. No estudo em questão, a abordagem é realizada a partir dos roteiros e narrativas sobre saúde e meio ambiente dos vídeos produzidos nas aulas e disponíveis na web.

Mini-curriculo: Professora do curso de Jornalismo da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. Coordenadora do Laboratório de Comunicação, Ciência e Cultura (UFRRJ). Doutora em Comunicação pela Universidade Metodista de S. Paulo. Graduada em Jornalismo pela Universidade Federal do Pará.

Alex Côrtes (Colégio Pedro II) - Limiares da sala de aula: cinema, ciência e subjetividade

Resumo: O que pode o cinema em sua relação com a escola e com os conhecimentos científicos que nela circulam? Pode e é privilegiado meio divulgador dos saberes e competências acumulados pela humanidade em sua trajetória. Com frequência, no entanto, uma concepção pedagógica conservadora reduz drasticamente a complexidade e a potência dos filmes, quase os domestica. Agora, a escola do século XXI pode e precisa se tornar mais que espectadora: pode ser realizadora audiovisual. Professores e estudantes precisam fazer seus próprios filmes como forma radicalmente outra de experimentar não somente novas abordagens para os conteúdos científicos curriculares, mas também e fundamentalmente, de experimentar alteridades, criando de forma coletiva, criativa e simultânea, arte e ciência, ciência e arte.

Mini currículo: Alex Sandro Barcelos Côrtes é há 16 anos professor de História da rede pública de educação básica. Formou-se com licenciatura plena e bacharelado em História pela UFF, instituição onde também obteve seu título de Mestre em Educação e onde atualmente cursa o Doutorado em Psicologia, pesquisando o que há na película que nos deixa à flor da pele e os entrelaçamentos entre o cinema, a educação e a subjetividade humana.

Painel 4/Cine-Painel 3 - 15h30

Regina Jehá (Documentarista) - Cinema de Expedição, desafios e descobertas.

Mini-currículo: Cineasta brasileira. Graduou-se na primeira turma de cinema da ECA/USP. Além da atividade no cinema, foi administradora do Auditório Augusta, espaço da vanguarda teatral paulistana, criado por ela e pelo diretor Luiz Sérgio Person nos anos 60, em São Paulo. Entre outros filmes realizou Bexiga ano zero (1971); Pantanal, a última fronteira (1984); Encanto (1994); Por mares nunca dantes navegados (2001); Person, depoimento (2007); Expedição Viva Marajó (2013).

Índia Martins (UFF) - Desvendando as ações do GPA: um breve registro das atividades de extensão em Oriximiná/AM.

Resumo: O objetivo deste projeto é realizar produtos audiovisuais, especificamente documentários, que registrem e tornem públicas as ações do GPA - Geografia da Produção Alimentar – Amazônia Oriental, realizadas na Unidade Avançada José Veríssimo, assim como, dar visibilidade ao cotidiano destas comunidades. Neste contexto, o registro audiovisual tem a dupla função de divulgar e também de preservar o patrimônio imaterial encontrado nestas comunidades. Além disso, O Programa de extensão GPA também vem desenvolvendo metodologias participativas como proposta de participação e intervenção junto à comunidade. Estas metodologias participativas se baseiam na troca de saberes, valorizando o conhecimento tradicional, aliando o desenvolvimento técnico às necessidades e condições locais.

Mini-currículo: Doutora em Design (PUC-Rio); mestre em Multimeios (Unicamp). Atualmente, coordena as pesquisas “A atmosfera no audiovisual contemporâneo” com apoio do Fapesq/UFF, e “A influência da tecnologia no processo criativo dos diretores de arte brasileiros”, financiada pelo CNPq. Líder do Grupo de Pesquisa Aesthesis: Laboratório de Experimentação Estética e Direção de Arte. Na área de extensão vem desenvolvendo projetos na Unidade Avançada José Veríssimo, em Oriximiná, coordenando a realização de documentários sobre as populações quilombolas. Em 2013 recebeu recursos do Proext (Nacional) para a realização do documentário sobre a atuação da equipe do GPA - Geografia da Produção Alimentar nas comunidades ribeirinhas de Oriximiná.

Índice dos Resumos Expandidos

Grupo de Trabalho 1.....	20
Grupo de Trabalho 2.....	29

GT 1

Ora direis, ouvir cientistas...: O audiovisual e os desafios contemporâneos do jornalismo da divulgação científica

Coordenadora: *Denise Tavares*

Mini-Currículo:

Professora Adjunta (40h/DE) da Universidade Federal Fluminense, lotada no Departamento de Comunicação Social e professora credenciada no Programa de Pós-Graduação em Mídia e Cotidiano da UFF (Mestrado - stricto sensu). É graduada em Comunicação Social - Jornalismo (PUC-Campinas), Mestre em Multimeios (UNICAMP) e Doutora em Integração Latino-americana (USP). É líder do MULTIS - Grupo de Estudos e Experimentações do Audiovisual e Multimídia (UFF/CNPq), pesquisa do audiovisual de não-ficção no Brasil e América Latina e a divulgação científica através do Audiovisual e Multimídia. Tem experiência na área de Comunicação, com ênfase no documentário e multimídia.

Ementa: O GT recebe trabalhos que visam discutir as produções com temáticas científicas em plataformas multimídias (sites, blogs, redes sociais, etc.), bem como problematizar os recortes e linguagens desses conteúdos.

Canal Saúde: Uma outra face do SUS na mídia?

Iane de Macedo Filgueiras

RESUMO: Este trabalho se propõe a estudar e buscar entender a relação de como o SUS é representado nas TVs abertas versus a sua proposta de representação no Canal Saúde, emissora da Fundação Oswaldo Cruz. Qual é o papel dos programas de televisão na formação do imaginário social sobre o SUS? O Canal Saúde seria capaz de exercer um contraponto à visão do senso comum? Qual é a importância para a sociedade da existência de uma emissora de TV dedicada à saúde? Neste trabalho tentaremos entender os desafios e obstáculos no âmbito audiovisual para a divulgação e promoção da saúde da população, e a sua relevância.

PALAVRAS-CHAVE: Comunicação; Jornalismo; Audiovisual; Saúde; SUS

INTRODUÇÃO

No evento COMSAÚDE 2004, Carlos Xavier, jornalista da Fundação Oswaldo Cruz, já trazia no GT 5 (Saúde Pública na Agenda Midiática) a discussão sobre que saúde vemos e produzimos na mídia, tendo por base um vídeo do Canal Saúde. Sua conclusão é um bom ponto de chegada, mas também de partida, para quem busca entender que saúde vemos na TV:

“O que é isto, a Saúde? O que é esta Saúde que vemos na TV? Das duas, uma: ou finalizo esta breve investigação sabendo algo mais sobre o que é e tem sido a Saúde veiculada na TV, ou ao menos me consolo com a certeza socrática de saber que nada sabemos sobre ela, apesar de todos os esforços. A tentação paradoxal é afirmar, movimentando para lá e para cá os membros sem vida de um boneco-pesquisador: ambas as proposições estão corretas. Ambas.” (XAVIER, 2004 - p. 14)

Nestes dez anos muita coisa mudou, e muita coisa permaneceu como era, como, por exemplo, as inquietações provocadas pelo GT. O Canal Saúde, nosso objeto de estudo, à época do trabalho citado (2004), produzia material audiovisual sobre saúde, mas não tinha espaço próprio para veiculação, ficando restrito a alguns espaços em canais parceiros do governo e da sociedade civil, além da página na web. Em 2010 se tornou emissora, sendo, hoje, a única do Sistema Público de Saúde (SUS). Ao contar com o espaço próprio para transmissão, a grade aumentou (com programação no ar diariamente das 8h às 23h) e o alcance atualmente abrange todo o país através de duas frentes principais: antena parabólica com recepção digital e site. De forma secundária, as emissoras parceiras continuam a veicular programas do canal e a programação

é exibida, também, através da Oi TV para os Conselhos Municipais e Estaduais de Saúde em todo o Brasil, como parte do PID (Programa de Inclusão Digital).

Em sua proposição institucional o canal deixa bem claro a que se pretende: “Um canal que propõe um novo discurso audiovisual ao que é entendido como conceito de saúde e pretende provocar no cidadão brasileiro o sentimento de pertencimento ao SUS. A saúde para todos ocupa um espaço exclusivo na televisão através do Canal Saúde, sobretudo, a saúde pública que é retratada neste veículo na dimensão de sua complexidade. Uma das metas deste novo canal é proporcionar à sociedade civil uma representatividade maior nos meios de comunicação abrindo espaço para a veiculação de seus conteúdos.”². Dez anos depois do trabalho citado no início deste resumo, em um novo Grupo de Trabalho, buscaremos entender a relação da imagem de saúde pública que está sendo produzida atualmente na televisão em contraponto com a proposição do Canal Saúde, além dos obstáculos e desafios de sua concretização.

DISCUSSÕES PROPOSTAS

- A pesquisa recente da Secretaria de Comunicação Social da Presidência da República, revelou que: “Continua sendo predominante a presença da TV nos lares do País, apesar do rápido crescimento da internet. Nada menos que 97% dos entrevistados afirmaram ver TV, um hábito que une praticamente todos os brasileiros, com independência de gênero, idade, renda, nível educacional ou localização”. Posto isso, qual é o papel da televisão na conscientização e mobilização da população sobre seus direitos e deveres no âmbito da saúde?

- Que SUS a gente vê? Levando em consideração o senso comum e a percepção dos participantes do próprio GT enquanto audiência, como enxergamos os SUS nas TVs abertas?

- Uma emissora de televisão dedicada exclusivamente ao assunto saúde se faz necessária?

- Dadas as atuais capacidades técnicas de transmissão e alcance do Canal Saúde, a emissora seria capaz de fazer um contraponto da visão hegemônica sobre o SUS e conscientizar uma parcela significativa da população sobre os serviços que lhe estão disponíveis?

METODOLOGIA

Através de índices oficiais e vídeo a ser apresentado ao GT, provocar a discussão com base na percepção dos próprios participantes do grupo, enquanto audiência, comunicadores e usuários do SUS. Instigar a reflexão sobre os temas propostos e discutir a imagem de saúde pública que nós mesmos, enquanto profissionais de comunicação, produzimos e percebemos, além de tentar entender a relevância e o impacto que esta imagem causa na população em geral.

REFERÊNCIAS

MASSARANI, Luisa, TURNEY, Jon & MOREIRA, Ildeu de Castro (ORG). Terra Incógnita: a interface entre ciência e público. Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 2005.

SECRETARIA NACIONAL DE COMUNICAÇÃO SOCIAL. Pesquisa brasileira de mídia

2014 : hábitos de consumo de mídia pela população brasileira. Disponível em: <<http://observatoriodaimprensa.com.br/download/PesquisaBrasileiradeMidia2014.pdf>> Acesso em: 08/03/2014

CANAL SAÚDE. O Canal. Disponível em: <<http://www.canal.fiocruz.br/institucional/>> Acesso em 08/03/2014

CANAL SAÚDE. Programação. Disponível em: <<http://www.canal.fiocruz.br/programas/>> Acesso em 08/03/2014

XAVIER, Carlos Cesar Leal. QUE SAÚDE? Os três argumentos: Mídia, Saúde e Comunicação. Disponível em: < http://encipecom.metodista.br/mediawiki/images/5/5e/GT5-texto7_-_Que_saude-os_tres_argumentos-_Xavier.pdf> Acesso em 08/03/2014

Educação em saúde através de material educativo audiovisual para as doenças granulomatosas infecciosas das vias aéreo-digestivas superiores

Tiago Rosa Pereira
Fernanda dos Santos da Silva
Dinair Leal da Hora
Cláudia Maria Valete Rosalino

RESUMO: Pela falta de conhecimento da população brasileira sobre as doenças granulomatosas infecciosas das vias aéreo-digestivas superiores, o presente estudo busca elaborar um material educativo audiovisual que possa ajudar na problemática e ensinar, de modo informal, à população conteúdos que ajudem a aprimorar seu conhecimento sobre essas doenças.

PALAVRAS-CHAVE: Educação em Saúde, Promoção da Saúde, Doenças Infecciosas, Material Educativo Audiovisual.

INTRODUÇÃO

As doenças granulomatosas infecciosas (DGI) são doenças infectocontagiosas que podem acometer as vias aéreo-digestivas superiores (VADS) e são decorrentes de processos imunopatológicos em que ocorre falha na fagocitose de organismos intracelulares, causando lesões de aspecto granulomatoso e/ou ulcerado e, por vezes, com erosão parcial ou total das estruturas anatômicas atingidas. No Brasil, as DGI das VADS de maior incidência são a tuberculose, a paracoccidiodomicose e a leishmaniose (SILVA, DAMROSE et al., 2008). A falta de conhecimento da população sobre as DGI das VADS mostra a necessidade de implementar programas que possam ajudar na educação e promoção em saúde dos indivíduos.

OBJETIVO

Promover a educação em saúde sobre as DGI das VADS aos pacientes do Instituto de Pesquisa Clínica Evandro Chagas (IPEC), através de um material educativo audiovisual.

METODOLOGIA

Neste estudo serão adotados os métodos qualitativos, cujas características são marcadas pela análise e descrição dos significados que os sujeitos participantes dão para os atos, fenômenos e fatos que estão sendo estudados, além de trabalhar com o universo de significados, aspirações, motivos, crenças, atitudes e valores. Relacionado a um espaço mais profundo dos fenômenos, dos processos e das relações que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis (POUPART, 2008). O método qualitativo utilizado neste estudo justifica-se por sua finalidade

de verificar junto aos sujeitos participantes, relatos sobre as doenças granulomatosas infecciosas, sua ocorrência de transmissão e seus principais acometimentos que possam ajudar a elaborar um material audiovisual que possibilite a população a entender um pouco mais sobre essas doenças e com isso passarem a assumir maior controle sobre sua saúde, como também, orientá-los sobre diagnóstico e tratamento das mesmas. Serão usados os seguintes procedimentos: 1) Pesquisa bibliográfica. 2) Entrevista semiestruturada. 3) Grupo Focal. Resultados esperados: Levar informação sobre saúde às comunidades mais carentes e ao público leigo, através de instrumentos tecnológicos, torna o tema mais fascinante (MORAES, 2008). Logo, esperamos identificar os principais conhecimentos necessários à promoção e educação em saúde no campo das doenças granulomatosas infecciosas (DGI) das vias aéreo-digestivas (VADS) para a melhor elaboração de um vídeo educativo. Pelo vídeo atingir a todos os segmentos sociais e ser uma ferramenta que possibilita diversos recursos (BASTOS, 2010), após sua elaboração pretendemos aumentar o conhecimento da população sobre estas doenças e melhorar a qualidade de vida desses pacientes acometidos.

REFERÊNCIAS

SILVA, L.; DAMROSE, E. et al. Infectious granulomatous laryngitis: a retrospective study of 24 cases. *Eur Arch Otorhinolaryngol*, v.265, n.6, Jun, p.675-80. 2008.

POUPART, J. et al. *A pesquisa qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos*. Petrópolis/RJ: Vozes, 2008.

MORAES, A. F. Cultural diversity in health-related videos. *Interface - Comunic., Saúde, Educ.*, v.12, n.27, p.811-22, out./dez. 2008.

BASTOS, G. B. P. *Comunicação e saúde: utilizando recursos tecnológicos como estratégia para esclarecimento dos usuários do SUS*. Monografia, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2010.

Sorria, você está no museu!

Os museus de ciências e seus registros midiáticos

Willian Ramalho Dantas

RESUMO: Apresentação de dados de uma pesquisa de campo sobre como museus de ciências cariocas empregam e realizam a guarda de fotografias, vídeos e arquivos de áudio em seus cotidianos. A finalidade deste estudo foi averiguar a existência e o volume desses acervos e de modo preliminar, analisar os interesses dessas instituições de fazer o eventual uso de tais materiais na criação de novos projetos

PALAVRAS-CHAVE: Museu de ciências; acervo; audiovisual.

RESUMO EXPANDIDO

O presente trabalho apresenta os dados levantados em uma pesquisa de campo sobre como museus de ciências do município do Rio de Janeiro obtêm, empregam e realizam a guarda de fotografias, vídeos e arquivos de áudio em seus cotidianos. A finalidade deste estudo qualitativo foi averiguar a existência e o volume desses acervos e de modo preliminar, analisar os interesses de fazer o eventual uso de tais materiais na criação de novos projetos. Sejam estes, com foco na divulgação científica, como instrumentos de propaganda institucional, como conteúdos de perfis de redes sociais e outros canais e formatos de comunicação.

A metodologia previu a elaboração de um teste piloto do formulário desta investigação para quatro espaços de ciências não inseridos no universo desta amostra, por pertencerem a municípios vizinhos do Rio de Janeiro ou por não estarem cadastrados na edição de 2009 do Guia da Associação Brasileira de Centros e Museus de Ciências - ABCMC. Foram entrevistados os representantes de 21 centros e museus de ciências, dos 25 apontados pelo Guia da ABCMC.

O formulário desta pesquisa foi preparado com a intenção de esclarecer os cuidados tomados na obtenção, guarda e emprego dado aos registros midiáticos, assim como apurar quais os interesses das instituições abordadas por tais arquivos. Foram elaboradas 22 questões, dispostas em um layout semelhante ao que foi empregado no programa de pesquisa e serviço, o Observatório de Museus e Centros Culturais - OMCC.

Esta investigação ocorreu entre os meses de novembro de 2012 a janeiro de 2013. A abordagem dessas organizações ocorreu em três fases: Via e-mail, com o envio de uma carta de apresentação do estudo; Uma segunda fase por meio de ligações telefônicas para agendar as entrevistas presenciais; E a visita as instituições para aplicação dos formulários da pesquisa.

Os resultados desse estudo indicaram que a amostra pesquisada, têm o hábito de fotografar e armazenar fotos de atividades próprias. A maioria dos estabelecimentos abordados apontaram que possuem ou tem a intenção de constituírem acervos institucionais e de divulgarem estes arquivos por redes sociais e outros canais de comunicação.

Todos os respondentes abordados, afirmaram que nos estabelecimentos que representam, existem políticas para administrar e armazenar os registros pesquisados. Porém, em alguns museus não são empregados documentos que gerenciem os direitos autorais e/ou das pessoas registradas em fotos, vídeos e arquivos de áudio. Fato que legitima a importância de disseminar o hábito de utilizar termos de autorização de uso de imagem e voz entre outros cuidados referentes a produção midiática. Tal demanda, indicou a possibilidade de elaborar um manual de produção de vídeos com a intenção de facilitar desde o processo de criação ao de divulgação desses materiais.

REFERÊNCIAS

BRITO, Fátima; FERREIRA, José Ribamar; MASSARANI, Luisa. Centros e Museus de Ciência do Brasil 2009. Associação Brasileira de Museus de Ciência: UFRJ, FCC, Casa da Ciência: Fiocruz. Museu da vida, 2009.

CAZELLI, Sibeli; COIMBRA, Carlos A. Q. Avaliação Formal na Educação não Formal. In: Reunião Anual Da Associação Brasileira De Avaliação Educacional, 4.,2008. Rio de Janeiro. (mimeo).

COSTA, Marco Antonio; COSTA, Maria de Fátima Barrozo. Metodologia da Pesquisa – Conceitos e Técnicas. 2º Edição, Rio de Janeiro, 2009.

CURY, Marília. Estudo sobre Centros e Museus de Ciências: Subsídios para uma Política de Apoio. São Paulo: Fundação Vitae, 2000. GIBBS, Graham. Análise de Dados Qualitativos. Tradução: Roberto Cataldo Costa. Porto Alegre: Editora Artmed, 2009. Coleção Pesquisa Qualitativa coordenada por Uwe Flick. 198p.

GIBBS, Graham. Análise de Dados Qualitativos. Tradução: Roberto Cataldo Costa. Porto Alegre: Editora Artmed, 2009. Coleção Pesquisa Qualitativa coordenada por Uwe Flick. 198p.

O documentário científico: linguagens e temáticas no contexto da produção multiplataforma

Denise Tavares

RESUMO: A proposta da pesquisa O documentário científico: linguagens e temáticas no contexto da produção multiplataforma tem por objetivo principal a produção de material teórico reflexivo em caráter de fundamentação teórica, que contemple tanto o campo do documentário como o da divulgação científica a partir da revisão bibliográfica do tema e da análise de uma determinada produção documentária recortada pela pesquisa em ambiente multiplataforma (televisão e web).

PALAVRAS-CHAVE: documentário científico; multiplataforma; divulgação científica

GT 2

A divulgação científica e as plataformas multimídias

Coordenadora: *Renata Rezende*

Mini-Currículo:

Professora Adjunta (40h/DE) da Universidade Federal Fluminense, lotada no Departamento de Comunicação Social. É também professora do Programa de Pós-Graduação em Mídia e Cotidiano, da UFF e coordenadora do Expocom/Intercom. Trabalhou, também, como professora Adjunta da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). Faz, atualmente, pós-doutorado na ECO/UFRJ. É doutora em Comunicação pela UFF, sendo formada em Comunicação Social - habilitação em Jornalismo, pela UFES. Tem experiência em televisão e vídeo, tendo trabalhado por mais de 6 anos na TV Gazeta, afiliada da TV Globo em Vitória. Foi repórter, produtora, pauteira e editora final.

Ementa: O GT recebe trabalhos que visam discutir as produções com temáticas científicas em plataformas multimídias (sites, blogs, redes sociais, etc.), bem como problematizar os recortes e linguagens desses conteúdos.

Física em Tablets

Leonardo Pereira Vieira

RESUMO: Tablets e smartphones podem ser ótimos aliados nas interações de ensino e aprendizagem no ensino regular de Física. Esses, possuem grande poder de processamento de dados, são dotados de fábrica com sensores capazes de medir grandezas físicas importantes, são bem difundidos entre os educandos em idade escolar, são leves e portáteis. Essas características fazem com que o laboratório de ciências venha para dentro da sala de aula, desmistificando os conteúdos. Além de já fazerem parte do cotidiano dos alunos, dando importante valor a sua experiência de vida, trazendo-o para mais perto do professor e suas atividades.

PALAVRAS-CHAVE: Ensino de Física; Laboratório baseado em computadores; Tablet.

RESUMO EXPANDIDO

A Física é uma ciência experimental, com a qual buscamos compreender como se processam os fenômenos naturais. A observação, controle e interpretação de eventos bem definidos são características fundamentais dessa ciência. Por mais abstratos e matemáticos que sejam, os modelos e leis da Física têm por objetivo descrever o comportamento de sistemas reais e prever o que ocorrerá em situações determinadas. Sob essa perspectiva o ensino da física não pode estar dissociado de experimentos e atividades práticas que relacionem aquilo que os alunos estudam ao mundo em que eles vivem.

A dificuldade em montar e realizar muitos dos experimentos considerados importantes para o ensino da Física faz com que as atividades nos laboratórios didáticos frequentemente assumam a forma de processos rigidamente organizados, centrados na coleta de dados e com pouco ou nenhum tempo dedicado à discussão dos conceitos e princípios físicos envolvidos. Isso não apenas diminui a eficácia pedagógica desses laboratórios; o tempo excessivo gasto em ações repetitivas e pouco inspiradoras como a coleta e sistematização dos dados contribui para que boa parte dos alunos percam o interesse pelas atividades práticas, terminando por considerá-las uma perda de tempo como dizem Susan R. Singer, Margaret L. Hilton, Heidi A. Schweingruber, no trabalho, *Investigations in High School Science*, National Academies Press, 2006.

Experimentos didáticos em que tablets e smartphones são utilizados como instrumentos de detecção, coleta, armazenamento e apresentação de dados facilitam em muito a montagem e execução dessas atividades. Explorando algumas características desses aparelhos que os tornam particularmente atraentes em atividades práticas escolares: sensores variados e de fácil acesso, alta portabilidade, difusão entre os jovens. Os experimentos podem ser realizados durante aulas de física no ensino médio e fundamental, e abordaram temas como cinemática, dinâmica, eletromagnetismo, óptica e ondas sonoras. As atividades incluem discussões sobre conceitos e

princípios físicos relacionados ao fenômeno estudado, que se tornaram possíveis no curto intervalo de uma aula graças à facilidade com que os experimentos eram montados e executados. A reação dos alunos a essas atividades é relatada.

A. T. Borges em seu trabalho *Novos rumos para o laboratório escolar de ciências* publicado no *Caderno Brasileiro de Ensino de Física* ressalta, que não precisamos de um espaço formal para o ensino laboratorial. Espaços mistos, ajudam na aproximação do aluno.

Ao nos utilizarmos dessas tecnologias pudemos perceber que boa parte dos alunos envolvidos no processo de pesquisa, tiveram significativa melhora em seus desempenhos. Relatos como: “eu não sabia que poderia fazer tanta coisa com um celular”, não foram raros e nos trouxe grande satisfação pelos bons resultados e aceitação entre os educandos.

REFERÊNCIAS

Susan R. Singer, Margaret L. Hilton, Heidi A. Schweingruber (eds.), *America's Lab Report: Investigations in High School Science*, National Academies Press, 2006.

A. Hofstein, V. N. Lunetta, *The laboratory in science education: Foundations for the twenty-first century*, *Science Education*, v. 88, n. 1, p. 28-54, 2004.

American Association of Physics Teachers, *Goals of the Introductory Physics Laboratory*, *American Journal of Physics*, v. 66, n. 6, p. 483-485, 1998.

Committee on Undergraduate Science Education, National Research Council, *Science Teaching Reconsidered: A Handbook*, National Academy Press, 1997.

D. Hodson, *Hacia un enfoque más crítico del trabajo de laboratorio*, *Enseñanza de las Ciencias*, v. 12, n. 3, p. 299-313, 1994.

A. T. Borges, *Novos rumos para o laboratório escolar de ciências*, *Caderno Brasileiro de Ensino de Física*, v. 19, n. 3, p. 291-313, 2002.

A. B. Arons, *Teaching Introductory Physics*, Wiley, 1997.

R. Millar, *The role of practical work in the teaching and learning of science*, *Committee on High School Science Laboratories: Role and Vision*, National Academy of Sciences, Washington, 2004.

C. Hart, P. Mulhall, A. Berry, J. Loughran, R. Gunstone, *What is the Purpose of this Experiment? Or Can Students Learn Something from Doing Experiments?*, *Journal of Research in Science Teaching*, v. 37, n. 7, p. 655-675, 2000.

R. K. Thornton, D. R. Sokolo, Learning motion concepts using realtime microcomputer-based laboratory tools, *American Journal of Physics*, v. 58, n. 9, p. 858-867, 1990.

C. E. Aguiar, F. Laudares, Aquisição de dados usando Logo e a porta de jogos do PC, *Revista Brasileira de Ensino de Física*, v. 23, n. 4, p. 371-380, 2001.

C. E. Aguiar, F. Laudares, Listening to the coefficient of restitution and the gravitational acceleration of a bouncing ball, *American Journal of Physics*, v. 71, p. 499-451, 2003.

C. E. Aguiar, M. M. Pereira, Using the sound card as a timer, *The Physics Teacher*, v. 49, p. 33-35, 2011.

C. E. Aguiar, M. M. Pereira, O computador como cronômetro, *Revista Brasileira de Ensino de Física*, v. 34, n. 3, art. 3303, 2012.

J. Kuhn and P. Vogt, Diffraction experiments with infrared remote controls, *The Physics Teacher*, v. 50, n. 2, p. 118-119, 2012.

P. Vogt, J. Kuhn, Analyzing free fall with a smartphone acceleration sensor, *The Physics Teacher*, v. 50, n. 3, p. 182-183, 2012.

K. Forinash, R. F. Wisman, Smartphones as portable oscilloscopes for physics labs, *The Physics Teacher*, v. 50, n. 4, p. 242-243, 2012.

P. Vogt, J. Kuhn, Determining the speed of sound with stereo headphones, *The Physics Teacher*, v. 50, n. 5, p. 308-309, 2012.

N. Silva, Magnetic field sensor, *The Physics Teacher*, v. 50, n. 6, p. 372, 2012.

P. Vogt, J. Kuhn, Analyzing simple pendulum phenomena with a smartphone acceleration sensor, *The Physics Teacher*, v. 50, n. 7, p. 439-440, 2012.

J. Kuhn, P. Vogt, Analyzing spring pendulum phenomena with a smartphone acceleration sensor, *The Physics Teacher*, v. 50, n. 8, p. 504-505, 2012.

K. Forinash, R. F. Wisman, Smartphones & Experiments with an External Thermistor Circuit, *The Physics Teacher*, v. 50, n. 9, p. 566-567, 2012

J. W. Streepey, Using iPads to illustrate the impulse-momentum relationship, *The Physics Teacher*, v. 51, n. 1, p. 54-55, 2013.

J. Kuhn, P. Vogt, Analyzing acoustic phenomena with a smartphone microphone, *The Physics Teacher*, v. 51, n. 2, p. 118-119, 2013.

P. Gabriel, U. Backhaus, Kinematics with the assistance of smartphones: Measuring data via GPS - Visualizing data with Google Earth, *The Physics Teacher*, v. 51, n.4, p. 246-247, 2013.

O. Schwarz, P. Vogt, J. Kuhn, Acoustic measurements of bouncing balls and the determination of gravitational acceleration, *The Physics Teacher*, v. 51, n. 5, p. 312, 2013.

E. G. Falcão Jr, R. A. Gomes, J. M. Pereira, L. F. S. Coelho, A. C. F. Santos, Cellular phones helping to get a clearer picture of kinematics, *The Physics Teacher*, v. 47, n. 3, p. 167-168, 2009.

A.-M. Pendrill, J. Rohlén, Acceleration and rotation in a pendulum ride, measured using an iPhone 4, *Physics Education*, v. 46, n. 6, p. 676-681, 2011.

T. Nadji, iPad and weightlessness, *The Physics Teacher*, v. 50, n. 5, p. 307, 2012.

J. Kuhn, P. Vogt, Smartphones as Experimental Tools: Dierent Methods to Determine the Gravitational Acceleration in Classroom Physics by Using Everyday Devices, *European Journal of Physics Education*, v. 4, n. 1, p. 16-27, 2013.

B. Van Dusen and V. Otero, Inuencing students' relationships with physics through culturally relevant tools. In: P. V. Engelhardt, A. D. Churukian, N. S. Rebello (eds.), 2012 Physics Education Research Conference, p. 410-413, AIP Publishing, 2013.

D. E. Trowbridge, L. C. McDermott, Investigation of student understanding of the concept of acceleration in one dimension, *American Journal of Physics*, v. 49, n. 3, p. 242-253, 1981.

M. A. Cavalcante, C. R. C. Tavoraro, Ondulatória e acústica através de experimentos assistidos por computador, *Anais do IX Encontro Nacional de Pesquisa em Ensino de Física*, Jaboticatubas, MG, 2004.

A. R. Souza, Experimentos em ondas mecânicas, *Dissertação de Mestrado em Ensino de Física*, Instituto de Física, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2011.

A. R. Souza, C. E. Aguiar, Observando ondas sonoras, Anais do XII Encontro de Pesquisa em Ensino de Física, Lindóia, 2010.

S. T. Silva, Propagação do som: conceitos e experimentos, Dissertação de Mestrado em Ensino de Física, Instituto de Física, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2011.

S. T. Silva, C. E. Aguiar, Propagação do som: conceitos e experimentos, Anais do XIX Simpósio Nacional de Ensino de Física, Manaus, 2011.

Física em Cena

Programação para apps e Divulgação Científica

Vitor de Oliveira Moraes Lara

RESUMO: Temos trabalhado recentemente em algumas frentes distintas: primeiro, em uma perspectiva didático-pedagógica, onde apresentamos Tablets e smartphones como ótimas ferramentas no ensino/aprendizagem de Física. Outra linha está relacionada à algumas ferramentas interessantes voltadas para a construção de aplicativos para smartphones e tablets. Uma dessas ferramentas, o MIT App Inventor, permite que estudantes de nível médio tenham contato e entendam a lógica básica por trás das linguagens de computação, e construam por si mesmos aplicativos voltados para as suas próprias necessidades. Também temos produzido alguns vídeos, onde mostramos alguns dos nossos trabalhos mais recentes e outras notícias.

PALAVRAS-CHAVE: Ensino de Física; Programação para aplicativos; Divulgação Científica; Tablets; smartphones.

RESUMO EXPANDIDO

Linguagens de programação visual (do inglês Visual Programming Language, que será abreviado como LPV) são uma ferramenta onde o programador manipula os elementos do programa graficamente, ao invés de inserir seus códigos textualmente [1]. As LPVs são uma forma bastante interessante de se introduzir a lógica programacional, uma vez que permite que até mesmo estudantes de nível médio desenvolvam a leitura e produção de algoritmos simples, além de estimular o raciocínio e criatividade destes estudantes.

Nesta perspectiva, introduzimos o chamado MIT App Inventor [2], uma LPV desenvolvida no M.I.T. (Massachusetts Institute of Technology) e dedicada à elaboração de aplicativos para tablets e smartphones de sistema Android. Traduzimos alguns dos tutoriais disponíveis no próprio site da ferramenta [2] a fim de permitir que os estudantes relacionados ao projeto pudessem estudá-los. Dentre os esforços dos estudantes vale à pena destacar o de um deles, que utilizou MIT App Inventor para criar um app que simula o lançamento de um dado de n faces para utilizá-lo em jogos de RPG. Também temos estudado especificamente a programação para Android convencional, isto é, fora do paradigma da LPV. Pretendemos desenvolver alguns aplicativos simples ainda neste ano de 2014.

Além destes trabalhos voltados para a programação de apps para Android, também temos criado e desenvolvido alguns experimentos que utilizam os sensores de smartphones para utilização dentro e fora de sala de aula. A fim de divulgar nossos trabalhos e outras notícias interessantes relacionadas à Ciência e Tecnologia, criamos uma página no Facebook e um canal no youtube chamados Física em Cena [3]. Nesta página apresentamos as séries Física em Tablet e

Química em Tablet, onde apresentamos diversos experimentos interessantes que se utilizam de smartphones tanto na Física quanto na Química. Também apresentamos alguns destes experimentos em uma parceria muito proveitosa com a BITS Ciência [4]. Temos mais alguns projetos para este ano, como o lançamento de uma série de Física voltada para o ENEM. Finalmente, acreditamos que este tipo de iniciativa serve para despertar interesses e divulgar trabalhos e notícias interessantes, numa perspectiva de Divulgação Científica [5].

REFERÊNCIAS

Diagrammatic-graphical programming languages and DoD-STD-2167 (link: <http://ieeexplore.ieee.org/xpl/articleDetails.jsp?reload=true&arnumber=381508>)

<http://appinventor.mit.edu/explore/>

<https://www.facebook.com/pages/F%C3%ADsica-em-cena/435175763214766>

<https://www.youtube.com/user/FisicaCena>

<http://ufftube.uff.br/video/RS2R3GRMBNB9/Bits--Nona-Edi%C3%A7%C3%A3o>

<http://ufftube.uff.br/video/W2DW3W85SD9G/Bits--D%C3%A9cima-Edi%C3%A7%C3%A3o>

Terra Incógnita - a interface entre ciência e público, org. L. Massarini et al, Casa da Ciência/UFRJ, 2005. Acesso em: <http://www.casadaciencia.ufrj.br/Publicacoes/terraincognita/cienciae-publico/cienciaepublico.html>

Ciência e Fotografia: uma visão interdisciplinar entre a Física e a Química

Karla Silene Oliveira Marinho Sathler
Marcelo Monteiro Marques

RESUMO: A câmera fotográfica surgiu a partir dos resultados de estudos realizados ao longo da história por diversos pesquisadores sobre os fenômenos óticos e as experiências físicas e químicas sobre ação da luz em determinados suportes. Com os avanços tecnológicos, a integração entre a fotografia e o seu compartilhamento em redes sociais têm alcançado um número maior de pessoas devido a sua divulgação em tempo real. Nesse trabalho usaremos a fotografia como um meio não formal de aprendizagem de fenômenos naturais presentes em nosso cotidiano, através do aplicativo Instagram e da rede social Facebook.

PALAVRAS-CHAVE: Ciência; Fotografia; Interdisciplinaridade.

RESUMO EXPANDIDO

As câmeras fotográficas surgiram no final do século XIX, por meio de George Eastman, fundador da Kodak Company. Eastman teve a ideia de criar uma longa camada de nitrato de celulose que, a cada foto, era enrolada em uma espécie de carretel. Por um preço de 25 dólares, as câmeras de Eastman ficaram conhecidas por sua simplicidade: bastava que o usuário apertasse o botão e pronto. Tal fato foi importante para a difusão das câmeras fotográficas em todo o século XX. Porém com o advento das novas tecnologias, vemos que o uso das câmeras fotográficas tem dividido espaço com os chamados smartphones, principalmente pelos adolescentes.

Pensando nesse público, na falta de interesse pela Química e pela Física e em sua visão distorcida dessas ciências, considerando que elas não fazem parte de suas vidas, verificamos a necessidade da utilização de formas alternativas relacionadas ao ensino de Química e Física, com o intuito de despertar o interesse e a importância dos conceitos presentes nos currículos escolares.

Na maioria das vezes a maneira como a Química e a Física são abordadas nas escolas contribui para a difusão de concepções distorcidas dessa ciência, uma vez que os conceitos são apresentados de forma expositiva (e, portanto, entediante para a maioria dos alunos), como algo que se deve memorizar e que não se aplica aos diferentes aspectos da vida cotidiana.

Assim, nesse trabalho usamos a fotografia como um meio não formal de aprendizagem de fenômenos naturais presentes em nosso cotidiano, através do aplicativo Instagram e da rede social Facebook. Para tanto, utilizamos a teoria construtivista de Vygotsky como referencial, pois a mesma defende que o conhecimento é construído na interação sujeito-objeto, porém, tal interação é sempre socialmente mediada (aluno-professor, aluno-aluno).

Na primeira etapa do projeto os alunos pesquisaram fenômenos físicos e químicos associados ao seu cotidiano e de que maneira estes poderiam ser fotografados para despertar o interesse do público alvo que eram as turmas de Ensino Médio do Colégio Universitário Geraldo Reis (COLUNI/UFF).

Em uma segunda etapa os fenômenos escolhidos foram fotografados e publicados no Instagram e Facebook do projeto para que fossem comentados pela comunidade do COLUNI/UFF (professores, funcionários e alunos). Todas as publicações eram seguidas de uma legenda simples e curta explicando o fenômeno observado.

Finalmente, todos os resultados foram apresentados pelas alunas que faziam do projeto, tanto na Semana Nacional de Ciência e Tecnologia, quanto na Semana Acadêmica da UFF no ano de 2013.

Podemos concluir com esse trabalho o quanto se faz importante a interação dos alunos com outras formas de conhecimento para além da sala de aula e o uso de novas mídias no processo de ensino-aprendizagem dos mesmos.

REFERÊNCIAS

VEER, Rene Van Der; VALSINER, Jaan. Vygotsky: uma síntese. São Paulo: Edições Loyola, 1996.

AUSUBEL, David Paul. A aprendizagem significativa: a teoria de David Ausubel. São Paulo: Moraes, 1982.

MATERUS, Alfredo Luis. Química na Cabeça. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2001.

MARQUES, Monteiro. Marques, ARARIPE, Denise. Rolão. Coletânea de Experimentos para o Ensino de Química In: Formação de professores – Projetos, experiências e diálogos em construção, 1 ed. Niterói : EDUFF, 2008, v.1, p. 175-183.

Internet:

Disponível em: <http://www.feiradeciencias.com.br>. Acesso em: abril de 2013.

Comunicação em rede na contramão do SUS: uma análise da experiência da VideoSaúde no Facebook

Daniela Muzi

RESUMO: Este trabalho pretende analisar os usos das redes sociais no campo da Comunicação e Saúde, a partir da experiência da VideoSaúde Distribuidora da Fiocruz no Facebook, e refletir sobre as potencialidades do uso das redes sociais para produzir uma comunicação menos centralizada, dialogando com os princípios de universalidade e equidade do SUS.

PALAVRAS-CHAVE: VideoSaúde; redes sociais; comunicação em rede; mercado simbólico

RESUMO EXPANDIDO

O advento da internet favoreceu a interação, modificando a relação dos meios de comunicação com o homem. O ambiente virtual permite que a comunicação seja feita em rede, em diversos sentidos, para diversos polos, em diversos códigos, dando origem ao modelo comunicacional em rede (Cardoso, 2010). Por sua vez, as redes sociais oferecem uma série de possibilidades comunicacionais aos usuários, que podem se representar através da criação de espaços virtuais de interação. Diante da potencialidade e virilidade da autocomunicação de massa, as instituições privadas e públicas têm considerado as redes sociais campos estratégicos de atuação. Segundo Castells (2007, p. 248), este crescente interesse dos meios de comunicação corporativos pelas redes sociais é o próprio reflexo do surgimento da autocomunicação de massa.

A expansão e a popularização das redes sociais criaram a sensação de euforia de que elas podem conectar todos ao mundo e o mundo a todos. Ou a disforia daqueles que veem as redes sociais como a causa para o fim da interação face a face. Afastando-se dessa polarização, a nossa intenção é analisar os usos das redes sociais no campo da Comunicação e Saúde a partir da experiência da VideoSaúde Distribuidora da Fiocruz no Facebook e refletir sobre as potencialidades do uso das redes sociais para produzir uma comunicação menos centralizada.

Para Inesita Araújo e Janine Cardoso (2007), a comunicação, no campo da saúde, anda na contramão do SUS, em vez de ser orientada por seus princípios. As autoras propõem uma comunicação em rede “multidirecional, multipolar e descentrada, que procura atualizar o conceito de polifonia, indispensável para consideração do princípio de universalidade.” (idem, p. 64). Esse novo modelo comunicacional, proposto por Inesita Araújo e que se contrapõe ao modelo informacional, é chamado de Mercado Simbólico (2002). A partir da caracterização dos usuários da fan page da VideoSaúde, baseado na metodologia de Planejamento de Comunicação elaborada por Inesita Araújo (2010), e da análise do Mapa do Mercado Simbólico da Comunicação e Saúde no Facebook, observamos o perfil dos usuários da VideoSaúde, das comunidades discursivas em saúde e as redes de produção de sentidos.

Foi possível constatar que a comunicação da VideoSaúde no Facebook está centralizada na Região Sudeste, reproduzindo a concentração da participação dos usuários das redes sociais no Brasil, não dialogando com os princípios de universalidade e equidade do SUS. Os funcionários da Fiocruz correspondem ao grupo de maior interação, o que nos revelou que afinidade também motiva as relações virtuais. Proximidade e afinidade também norteiam a rede de produção de sentidos. No Mapa do Mercado Simbólico vimos uma grande comunicação entre as instituições ligadas à Fiocruz e ONGs e pouca entre as outras comunidades discursivas ligadas à iniciativa privada, como conglomerados de comunicação. É como se a Comunicação e Saúde no Facebook se dividisse em um lado governamental e outro comercial. Ambos não são falamos e tratam a saúde sob perspectivas diferentes. Apesar da potencialidade de globalização da internet, há uma tendência de comunicação com os pares, a comunicação em rede não é suficiente para distribuí-la.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Inesita Soares. Mercado Simbólico: interlocução, luta, poder – um modelo de comunicação para políticas públicas. 2002. Tese (Doutorado) - Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2002.

ARAÚJO, Inesita Soares. Planejamento de Comunicação. Curso de Especialização em Comunicação e Saúde 2010. Instituto de Comunicação e Informação Científica e Tecnológica em Saúde da Fundação Oswaldo Cruz. Rio de Janeiro.

ARAÚJO, Inesita Soares de; CARDOSO, Janine Miranda. Comunicação e Saúde. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2007.

CASTELLS, Manuel. Communication, power and counter-power in the network society. *International Journal of Communication*, v.1, p.238-266, 2007. Disponível em: < <http://ijoc.org/index.php/ijoc/article/view/46/35>>. Acesso em 15 jul. 2013.

CARDOSO, Gustavo. Da comunicação em massa à comunicação em rede: modelos comunicacionais e a sociedade de informação. In: MORAES, Dênis de (Org.). *Mutações do visível: da comunicação de massa à comunicação em rede*. Rio de Janeiro: Pão e Rosas, p. 23-52.

A diáspora na rede: redes sociais e a construção identitária de migrantes haitianos no Brasil.

Patrícia Pimenta Fernandes

RESUMO: A presente proposta está relacionada a dissertação ora em curso que tem como objetivo investigar como migrantes haitianos residentes no Brasil utilizam as redes sociais na construção de suas identidades. Mais especificamente, pretende-se analisar no Facebook os perfis de usuários nascidos no Haiti que migraram para o Brasil após o terremoto de 2010, analisando como se dá a interação entre eles, outros migrantes haitianos e os demais usuários no ambiente virtual, observando até que ponto o uso das redes auxilia a integração à cultura brasileira.

PALAVRAS-CHAVE: Redes sociais. Identidade cultural. Migração. Haitianos. Interculturalidade.

RESUMO EXPANDIDO

O Brasil vem se destacando nos últimos anos como uma das principais rotas mundiais de migração. Esta tendência se deve em parte a grandes investimentos nos setores de construção pesada, tecnologia da informação e petróleo (óleo e gás), que geram crescente demanda por mão de obra; mas também se deve à adoção de uma política de acolhimento por parte da diplomacia brasileira em anos recentes, a qual é possível observar, inclusive, em termos de mudanças efetivas na legislação de imigração.

Nesse cenário, observamos a intensificação do movimento migratório de haitianos que escolhem o Brasil como país de destino. Após o terremoto que devastou a capital haitiana, Porto Príncipe, em janeiro de 2010, o governo brasileiro tomou a iniciativa de conceder vistos humanitários aos haitianos; segundo dados da Coordenação Nacional de Imigração (CNIg), quase dez mil haitianos obtiveram autorização de permanência no Brasil no período de janeiro de 2010 a junho de 2013.

A pesquisa que se pretende desenvolver irá investigar a configuração identitária dos migrantes haitianos na diáspora e os deslocamentos na noção de identidade na contemporaneidade em função dos efeitos da globalização, com particular atenção ao papel exercido pelas redes sociais. Como referencial teórico para a análise, partiremos da obra do sociólogo espanhol Manuel Castells (2000 e 2001), que propõe em sua obra *A sociedade em rede* (2000) um novo paradigma tecnológico: na contemporaneidade, a tecnologia produz conteúdo e informação, ao contrário do que acontecia com tecnologias anteriores. Castells aponta para um possível efeito dessa transformação no processo de configuração identitária, sobretudo em função da entrada em cena de um novo sistema de comunicação que tem como principais características o alcance global, a integração e a potencial interatividade, sistema esse que “está mudando e mudará para sempre nossa cultura” (2000, p. 415).

A partir das reflexões de Stuart Hall (2011 e 2013) sobre o modo como a noção de identidade se apresenta na sociedade contemporânea e levando em conta as possibilidades que se apresentam para a “cultura da virtualidade real” de Castells, podemos conceber a relevância das redes sociais para a configuração identitária dos migrantes haitianos que têm chegado ao Brasil nos últimos anos. As redes sociais se configuram como um dos principais espaços – senão o princi-

pal - de expressão, de apoio e de acolhimento e, sobretudo, de pertencimento na diáspora.

Espaço de expressão, porque a presença no ambiente virtual possibilita aos migrantes haitianos fazer frente ao discurso midiático hegemônico, desfazendo em parte a associação com “ilegalidade” e “invasão”, noções que seguramente dificultam a integração à sociedade brasileira. De apoio e de acolhimento, pois, como esclarece Castells, as comunidades virtuais não servem única e exclusivamente à interação – abrangem tanto o funcional como o afetivo. Por fim, as redes sociais revelam um espaço de pertencimento ao instituir um “lugar” – ainda que virtual - de interação e de integração.

REFERÊNCIAS

CASTELLS, Manuel. A sociedade em rede: a era da informação – volume I. São Paulo: Paz & Terra, 2000, 2a edição.

_____. A galáxia da internet. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

COGO, Denise; SOUZA, Maria Badet. Guia das Migrações Transnacionais e Diversidade Cultural para Comunicadores – Migrantes no Brasil. Bellaterra: Unisinos, 2013.

_____. Cidadania comunicativa das migrações transnacionais: usos de mídia e mobilização social de latino-americanos. In: Diásporas, migrações, tecnologias da comunicação e identidades transnacionais. COGO, D; ELHAJJI, M.; HUERTAS, A. (Eds.). Bellaterra: Institut de Comunicació, Universidad Autònoma de Barcelona, 2012.

HALL, Stuart; SOVIK, Liv (Org.). Da diáspora: identidades e mediações culturais. Belo Horizonte: UFMG, 2013.

_____. A identidade cultural na pós-modernidade. Rio de Janeiro: DP&A, 2011.

RECUERO, Raquel. Redes sociais na internet. Porto Alegre: Sulina, 2011.

Diagnóstico diferencial das doenças infecciosas granulomatosas das vias aéreas digestivas superiores: Elaboração e avaliação de um curso e-learning

Fernanda dos Santos da Silva

Tiago Rosa Pereira

Cláudia Maria Valete Rosalino

Suze Rosa Sant'Anna

RESUMO: A dificuldade em realizar o diagnóstico diferencial e a importância do trabalho multiprofissional para tratamento clínico e reabilitação destes pacientes associados a escassez de estudos e materiais educativos sobre o diagnóstico diferencial das Doenças Infecciosas Granulomatosas das Vias Aéreas Digestivas Superiores foram os fatores incentivadores da elaboração de um curso e-learning. Sendo assim, nosso objetivo é elaborar e avaliar o curso e-learning que será estruturado no AVA Moodle sobre manejo clínico multiprofissional e diagnóstico diferencial das doenças infecciosas granulomatosas das vias aéreas digestivas superiores.

PALAVRAS-CHAVE: doenças infecciosas granulomatosas; diagnóstico diferencial; e-learning; materiais educacionais digitais; avaliação

INTRODUÇÃO

As doenças infecciosas granulomatosas (DIG) são doenças infecto-contagiosas que podem acometer qualquer um dos sítios mucosos das VADS (SILVA, DAMROSE et al., 2008). Os achados clínicos/endoscópicos das lesões são variáveis, não havendo até o momento a descrição de uma característica única específica que forneça o diagnóstico definitivo da infecção (SILVA, DAMROSE et al., 2008). A falta de recursos e instrução na maioria dos casos leva a um diagnóstico tardio. No Brasil, as DIG das VADS de maior incidência são a tuberculose (TB), a paracoccidiodomicose (PCM) e a leishmaniose tegumentar americana (LTA) (SILVA, DAMROSE et al., 2008). Justificativa: A dificuldade em realizar o diagnóstico diferencial e a importância do trabalho multiprofissional para tratamento clínico e reabilitação destes pacientes associados a escassez de estudos e materiais educativos sobre o diagnóstico diferencial das DIG das VADS foram os fatores incentivadores da elaboração de um curso e-learning.

OBJETIVO GERAL

Elaborar e avaliar o curso e-learning sobre manejo clínico multiprofissional e diagnóstico diferencial das doenças infecciosas granulomatosas das vias aéreas digestivas superiores.

METODOLOGIA

Trata-se de um estudo de desenvolvimento e avaliação de um curso e-learning que será estruturado no AVA Moodle. Terá como perspectivas teóricas e conceituais a teoria da Aprendizagem significativa de Ausubel, a Teoria da distância transacional de Moore e as do Designer educacional e pedagógico (FILATRO,2004; BEHAR et al., 2009, MOORE E KEARSEY, 2007 e MATTAR, 2013). Será desenvolvido em 6 etapas: 1ª.) Análise e planejamento do curso, 2ª.) Elaboração e desenvolvimento do curso, 3ª.) Construção dos materiais educacionais digitais, dos guias instrucionais e das as estratégias de ensino aprendizagem das unidades de aprendizagem do curso, 4ª.) Organização do Curso e-learning no AVA (Moodle), 5ª.) Avaliação da matriz curricular e do Designer pedagógico das unidades de aprendizagem do curso e 6ª.) Avaliação da aprendizagem dos alunos matriculados no curso e-learning sobre manejo clínico multiprofissional e diagnóstico diferencial das doenças infecciosas granulomatosas das vias aéreas digestivas superiores.

RESULTADOS ESPERADOS

Esperamos que curso seja capaz de proporcionar uma aprendizagem significativa e ser um meio de atualizar rapidamente o conhecimento das DIGs das VADS no meio acadêmico e entre profissionais das diversas áreas da saúde auxiliando o diagnóstico diferencial destas doenças. O material avaliado poderá ser utilizado em aulas de graduação e pós-graduação lato e stricto sensu, em cursos de atualização e em eventos científicos regionais, nacionais e internacionais.

REFERÊNCIAS

SILVA, L., DAMROSE, E. et al.. Infectious granulomatous laryngitis: a retrospective study of 24 cases. Eur Arch Otorhinolaryngol, v.265, n.6, Jun, p.675-80. 2008.

FILATRO, A. Design instrucional contextualizado: educação e tecnologia. São Paulo: Editora SENAC, São Paulo, 2004. Baron et al., 2002.

BEHAR, P.A.(OR.). Modelos pedagógicos em educação a distância. Porto Alegre: Penso, 2009.

MOORE, M.G., kearsley G. Educação a distância: uma visão integrada. Trad. Roberto Galman. São Paulo: Thomson,2007.

MATTAR, J. Curso designer educacional. Artesanato digital, 2013.

Índice de Apresentação de Pôsteres

Andreza Patricia Almeida e Alessandra Carvalho	46
Sabryna Teixeira e Thais Cerqueira	49
Juliana de Sá e equipe	50
Laís Carpenter e Priscila Motta	52
Thamiris Alves	54

O leitor imaginado na revista SuperInteressante: Uma aplicação metodológica

Andreza Patricia Almeida dos Santos
Alessandra Pinto de Carvalho

INTRODUÇÃO

Ao partir da constatação da falta de pesquisas na área da leitura no jornalismo de revista e cientes da necessidade de se conhecer melhor sobre a figura idealizada que é o leitor, este artigo tem como objetivo principal mapear o leitor imaginado da revista mensal Superinteressante da Ed. Abril, de modo a tentar entender o público com quem a revista se propõe a dialogar. Tendo como base a demarcação teórica de leitura a partir do panorama mais geral do interacionismo e, por isso mesmo, a compreendendo enquanto fenômeno de negociação de sentidos, buscamos colher na prática os resultados do campo de pesquisa até o momento desenvolvidos na área dos estudos do jornalismo de revista por meio da observação empírica de seu material concreto, ou seja, a partir da análise do material jornalístico ofertado para o público leitor da Superinteressante.

OBJETIVO

O trabalho tem como objetivo principal compreender o leitor imaginado da revista mensal Superinteressante, da editora Abril, de modo a tentar entender o público com quem a revista se propõe a dialogar. Afinal, uma vez enraizado enquanto prática discursiva, o jornalismo só se efetiva na sua relação com o interlocutor. Um interlocutor a quem se escreve, com quem se dialoga e a quem se informa.

Propomos, portanto, debater a figura do leitor imaginado enquanto uma posição inscrita no texto, de modo a permitir a negociação de sentidos entre autor e leitor real. Dessa forma, acreditamos que autor e leitor real não lidam com um texto, mas com outro sujeito, o leitor imaginado, mesmo que ele só exista na virtualidade.

METODOLOGIA

Além da coleta usual de material bibliográfico sobre leitura e jornalismo de revista, a metodologia da pesquisa será baseada na pesquisa desenvolvida por Storch (2012) em sua obra “O Leitor Imaginado no Jornalismo de Revista: uma proposta metodológica”. Desse modo, buscaremos o reconhecimento desse leitor imaginado pela Superinteressante por meio da observação das três dimensões que configuram a revista como produto: 1- Dimensão Institucional, responsável pelos índices de segmentação, a publicidade de si e os materiais promocionais; 2- Dimensão Publicitária, que compreende a revista como parte de uma estrutura organizacional mais ampla, de modo a indicar os tipos de produto, os índices verbais e não verbais sobre o leitor presentes na peça publicitária; 3- Dimensão Editorial, onde são problematizadas as inscrições da ideia de um leitor a partir da materialidade discursiva jornalística, o que engloba todo o conteúdo jornalístico, desde a visualidade às manifestações explícitas do leitor.

RESULTADOS

No total, foram analisadas três edições da revista mensal Superinteressante: 303, 316 e 320, segundo o protocolo metodológico criado por Storch (2012). Em todas elas foi observada a

recorrência de um mesmo perfil de leitor com quem a publicação se propõe a dialogar. Basicamente um leitor jovem, segundo a própria concepção do que a publicação considera ser jovem.

Em termos mais específicos, a publicação trabalha com o perfil de um jovem da classe B, equilibrado em questão de gênero, porém mais diverso na questão de idade. Um jovem curioso e questionador; que encontra na ciência as respostas para suas próprias indagações. Mais do que isso, um leitor aventureiro, dinâmico, que gosta de entretenimento e tecnologia; que domina a internet, bem como suas ferramentas e redes sociais, e que a usa em função de seu conhecimento.

Para além de critérios puramente ligados à personalidade desse leitor, a publicação também trabalha com a noção de um leitor crítico, capaz de fazer a diferença naquilo que faz de igual aos outros, como dominar a internet, por exemplo. Um jovem preocupado com o meio ambiente e interessado em assuntos de cunho social e educativo. Alguém que, enfim, viva a sua realidade sem se prender ao próprio mundo ou convívio social, mas, ao contrário, busca entender e desvendar o universo do qual faz parte.

CONCLUSÃO

Embora exista só na virtualidade, a figura de um leitor imaginado, categoria conceitual organizada a partir de expectativas idealizadas pelo jornalista, torna-se relevante para o entendimento das práticas cristalizadas nas redações. Afinal, mais do que uma mera idealização acerca do “outro” para quem se produz informação, o esboço desse leitor se consolida enquanto parte da própria concepção do que é ou deveria ser o jornalismo, tendo influência direta nas escolhas tomadas pela publicação.

Deste modo, desde a composição gráfica até os pontos de vista associados ao colunista de uma revista, por exemplo, todos os elementos estão, de certa forma, relacionados ao leitor imaginado. Ou seja, mesmo que não existindo empiricamente, sua idealização implica necessariamente em todo um modo de agir e posicionar da revista.

Vale ressaltar que, embora autor e leitor real não lidem com um texto, mas com um “outro sujeito”, é necessário que, de ambas as partes, haja certa identificação a este sujeito, ainda que apenas imaginária. Assim sendo, o leitor real, por exemplo, pode apenas se identificar com o leitor imaginado no plano discursivo, do desejo ou mesmo da projeção. O mesmo serve para o autor.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, Mikhail. Gêneros do Discurso. In: *Estética da Criação Verbal*. Tradução Maria Ermantina Galvão G. Pereira. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

SOARES, Magda. *Letramento: Um Tema em Três Gêneros*. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2001. p. 1- 125.

SPANNENBERG, Ana Cristina. Uma Página para cada Leitor: A Edição Gráfica na Construção do Discurso do Jornal Impresso e sua Relação com o Receptor. Disponível em: <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/spannenberg-ana-uma-pagina-para-cada-leitor.pdf>>. Acesso em: 22 set. 2013.

STORCH, Laura Strelow. O Leitor Imaginado como Categoria Conceitual para Pensar o Jornalismo de Revista. In: *ENCONTRO ANUAL DA COMPÓS, 22., 2013*, Salvador. Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação. [Porto Alegre]: Compós, [2013].

p. 1 - 16.

STORCH, Laura Strelow. O Leitor Imaginado no Jornalismo de Revista: Uma Proposta Metodológica. 2012. 174 f. Tese (Doutorado) - Curso de Comunicação e Informação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2012.

STORCH, Laura Strelow. Uma Proposta Metodológica para o Estudo do Leitor Imaginado no Jornalismo de Revista. In: ENCONTRO NACIONAL DE

PESQUISADORES EM JORNALISMO, 10., 2012, Curitiba. Associação Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo.[s.l.]: Sbp Jor, [2012]. p. 1 - 17.

Novas estratégias da linguagem audiovisual multiplataforma com temática científica na América Latina

Sabryna Teixeira
Thaís Cerqueira

A proposta tem sido verificar se as atuais janelas de exibição do audiovisual têm contribuído para outras soluções de linguagem e, também, pela busca de novos conteúdos. Para tanto, iniciamos um levantamento de projetos de produção e veiculação de audiovisuais de não-ficção de temática científica na América Latina (incluindo o Brasil), que se valem de mais de uma plataforma (por exemplo, TV e Internet), destacando, especialmente, as obras que buscam romper com o que é considerado uma tradição da divulgação científica: uma certa tendência à espetacularização da ciência, a abordagem superficial e o esforço didatizante.

Portadores de necessidades especiais: Animais peçonhentos como ferramenta educacional e o uso de multimídias audiovisuais

Juliana de Sá Pereira Oliveira
Fernanda de Paula Araujo
Jonathan Ruan de Lima Vieira
Manuela Rezende de Abreu Gonçalves
Luis Eduardo Ribeiro da Cunha
Cláudio Mauricio Vieira de Souza

RESUMO: O presente estudo tem como objetivo o desenvolvimento e avaliação de modelos e metodologias didáticas com estratégias multimídias audiovisuais para atenção a pessoas com necessidades especiais usando animais peçonhentos como modelo em educação e vigilância ambiental em saúde para promoção de cidadania.

PALAVRAS-CHAVE: necessidades especiais; multimídias; educação ambiental e saúde; animais peçonhentos

INTRODUÇÃO

Embora o Brasil seja um dos países com maior tradição na produção do conhecimento sobre animais peçonhentos e produtor de alguns dos melhores soros anti-peçonhentos do mundo, em nosso país, os agravos causados por esses animais são considerados “doença negligenciada” pela Academia Brasileira de Ciências e Organização Mundial da Saúde (Rede Vital para o Brasil, 2013; Souza, 2010). É consenso que uma das principais estratégias de ação pública é a educação para vigilância ambiental em saúde, tanto para os profissionais envolvidos no diagnóstico e tratamento dos envenenamentos, assim como para a população em geral. Aproximadamente 24% da população brasileira apresentam algum tipo de necessidade especial (IBGE, 2013), não há abundante material didático específico e de boa qualidade sobre animais peçonhentos, voltado para essas pessoas, especialmente aos portadores de necessidades visuais e/ou com surdez.

Nos 11 municípios da área de atuação do Módulo Científico e Cultural do Instituto Vital Brazil em Tanguá: Araruama, Casimiro de Abreu, Itaboraí, Macaé, Maricá, Rio Bonito, São Gonçalo, São Pedro da Aldeia, Saquarema, Silva Jardim e o município sede do projeto há uma população de 17.356 portadores de necessidades especiais graves (visual, auditiva e locomotora), deste total, estão matriculados 8.600 alunos no ensino fundamental, médio e educação de jovens e adultos (EJA) (IBGE, 2013; INEP, 2013).

METODOLOGIA

O público alvo desse estudo são estudantes com necessidades especiais, auditiva e visual residentes nos municípios de abrangência de atuação do Módulo Científico e Cultural, desenvolvendo vídeos em HD em Libras com histórias lúdicas de informações sobre animais peçonhentos, cartilha/revista em quadrinhos (gibi) em braille e réplicas (estatuetas) em tamanho natural com orientações por áudio, e aplicativos digitais, dos gêneros de animais peçonhentos brasileiros.

RESULTADOS ESPERADOS

Produção de material didático multimídia interativo, estabelecendo uma relação dinâmica com o usuário, criando estímulos para a investigação e experimentação do conteúdo científico. Esse material poderá servir de modelo didático pedagógico aplicável pelo sistema estadual de ensino para atenção aos portadores de necessidades especiais em vigilância ambiental em saúde.

DISCUSSÕES

Segundo os dados da Secretaria Nacional dos Direitos de Promoção dos Direitos da Pessoa com Deficiência (2013), quanto à escolaridade, das 325 mil pessoas com deficiência empregadas e ouvidas, 136.077 (41,9%) concluíram o ensino médio; 38.139 (11,72 %) o ensino fundamental completo, e com curso superior completo 39.651 (12,18%). A proporcional baixa escolaridade dessa população é em muito influenciada pela falta de programas, estratégias e ferramentas didáticas voltadas para suas necessidades específicas.

Neste contexto, as atividades propostas tornam-se um desafio para superar estas barreiras e incluir metodologias a este público que facilitem no processo de ensino e aprendizagem como modelo de educação e vigilância ambiental em saúde para promoção da cidadania.

REFERÊNCIAS

SOUZA, W. Doenças Negligenciadas. Rio de Janeiro, 2010.

Secretaria Nacional dos Direitos de Promoção dos Direitos da Pessoa com Deficiência. Disponível em: < <http://www.pessoacomdeficiencia.gov.br/app/>> Acesso em: 02 Out 2013.

IBGE. Disponível em: < <http://cidades.ibge.gov.br/>> Acesso em: 04 Set 2013.

INEP. Disponível em: < <http://portal.inep.gov.br/>> Acesso em: 04 Set 2013.

REDE VITAL PARA O BRAZIL. Disponível em: <<http://redevitalparaobrasil.wordpress.com/2011/02/25/acidentes-com-animais-peconhentosestao-entre-as-doencas-negligenciadas/>> Acesso em: 20 Set 2013.

LiteraRuas.com – A alma encantadora do Rio

Laís Carpenter
Priscila Motta

RESUMO EXPANDIDO

A perspectiva da vinda de grandes eventos como a Copa do Mundo de 2014 e os Jogos Olímpicos em 2016 acentuou no Rio de Janeiro o processo de mudanças, comum a outras metrópoles contemporâneas. São alterações não apenas estruturais, mas também sociais e econômicas e que, por afetarem a vida de todos, são percebidas pelas gerações atuais. A percepção de que a cidade que conhecemos, de repente, parece outra, nos levou a buscar na história outros momentos que marcaram a cidade do Rio de Janeiro. Entre eles, períodos em que novos espaços públicos surgiram, enquanto antigos ficaram apenas nas memórias de seus moradores, em imagens e em registros jornalísticos e literários.

De forma mais detalhada, podemos dizer que nossa proposta ao pensar e executar o webdocumentário LiteraRuas.com (www.literaruas.com) como TCC foi ampliarmos a discussão da dificuldade da busca e da transposição para o audiovisual de registros históricos. Além disso, como transpassar a história nas diversas possibilidades trazidas pela criação de um webdocumentário? E como usar especialistas no Rio antigo sem perder o interesse do público? O conceito do projeto ganhou forma adequando-se a uma das obras de maior popularidade de João do Rio: *A Alma Encantadora das Ruas* (1908). Buscamos, então, com este trabalho, fazer, a partir de uma documentação multimídia, uma “transcrição” de um clássico da literatura através de seus personagens e lugares, mais especificamente a rua. Unindo, portanto, o aspecto literário e o geográfico, optou-se pelo nome título desta proposta e do portal multimídia: LiteraRuas (Literatura + Ruas).

“Transcrição” ou “transposição criativa” foi a ideia usada para margear a produção do projeto. Segundo o poeta Haroldo de Campos, que utiliza o conceito em suas traduções poéticas, a prática da transcrição sugere uma re-criação de uma obra, o que, inevitavelmente, agrega também o processo de criação. No nosso caso, o conceito indica que, além de uma releitura da obra de João do Rio, era necessário encontrar no cenário atual personagens e lugares que conversassem com os da obra, apesar da diferença do momento histórico-temporal. Além disso, a ideia de um webdocumentário traz, embutida, a discussão de uma proposta de criação que incorpore um dos fenômenos mais interessantes do cenário da comunicação atual: a perspectiva da linguagem hipertextual. Resumindo, apesar de reconhecermos não haver espaço para um processo de co-criação em termos de redefinição dos vídeos, por exemplo, consideramos que, dentro dos modestos objetivos do projeto conseguimos criar um material que dialoga com os sentimentos e aprendizados que a obra de João do Rio nos proporcionou.

REFERÊNCIAS:

GOSCIOLA, Vicente. Roteiro para as novas mídias – Do cinema às mídias interativas. São Paulo: Editora Secan São Paulo, 2003.

LUCENA, Luiz Carlos. Como fazer documentários – Conceito, linguagem e prática de produção. São Paulo: Summus, 2012.

BOURDIEU, Pierre. “A Ilusão Biográfica” in FERREIRA, Marieta de Moraes & AMADO, Janaína. Usos & abusos da História Oral. 8ª ed. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2010.

GREGOLIN, Maíra; SACRINI, Marcelo; TOMBA, Rodrigo. Web-documentário – Uma ferramenta pedagógica para o mundo. Projeto experimental desenvolvido para obtenção do título de graduação do curso de Comunicação Social – Jornalismo da PUC-Campinas 2002. Disponível em: <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/tomba-rodrigo-web-documentario.pdf>>. Acesso em: 5 de dezembro de 2013.

RIO, João do. *A alma encantadora das ruas*. 1908. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select_action&co_obra=2051>

RODRIGUES, Antonio. *A alma encantadora de João do Rio*. 2007. Disponível em: <[Anais do 1º Seminário BITS Ciência](http://www.revista-</p></div><div data-bbox=)

dehistoria.com.br/secao/leituras/a-alma-encantadora-de-joao-do-rio>. Acesso em: 12 de dezembro de 2013.

TÁPIA, Marcelo. Transcrição: teoria e prática. 2010. Disponível em: <<http://www.goethe.de/wis/bib/prj/hmb/the/kul/pt6075970.htm>>. Acesso em: 10 de dezembro de 2013.

A reforma urbana de Pereira Passos no Rio de Janeiro. Disponível em: <<http://www.arquitetonico.ufsc.br/a-reforma-urbana-de-pereira-passos-no-rio-de-janeiro>>. Acesso em: 18 de dezembro de 2013.

Facebook tem 73% de visitas a redes sociais em outubro no Brasil, de acordo com Hitwise. Disponível em: <http://www.serasaexperian.com.br/release/noticias/2013/noticia_01459.htm>. Acesso em: 20 de dezembro de 2013.

Vida de Cientista - Uma proposta para se popularizar a ciência

Thamiris Alves

O quadro Vida de Cientista faz parte da BITS Ciência, Revista Eletrônica de Divulgação Científica, Inovação e Tecnologia da UFF e tem como objetivo mostrar o cotidiano dos profissionais que trabalham com os mais variados tipos de ciência. O formato é baseado na linguagem documentária e acompanha o dia-a-dia do profissional em suas várias vertentes: professor, pesquisador, administrador do laboratório, coordenador, orientador e também (mas, parcialmente) a sua vida particular. A proposta é mostrar como trabalham os cientistas, como são pessoalmente, o que pensam, quem são seus parceiros e responsabilidades.

Essa também é uma forma de divulgar e valorizar os cientistas da UFF, que estão sempre desenvolvendo novas pesquisas, concorrem aos editais das instituições de fomento como a FAPERJ para melhorar os laboratórios e patenteiam (confira se existe esta palavra) suas descobertas e invenções.